

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Curso de Especialização em Políticas de  
Promoção da Igualdade Racial na Escola

Nivalda Batista de Melo

| A Construção da identidade racial na modalidade de ensino  
de Educação de Jovens e Adultos.

Belo Horizonte

2016

Nivalda Batista de Melo

A Construção da identidade racial na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Analise de Jesus da Silva

Belo Horizonte

2016

Nivalda Batista de Melo

A Construção da identidade racial na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 09 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof(a). Dr(a). Analise de Jesus da Silva – Faculdade de Educação da UFMG

---

Ramuth Pereira Marinho – Mestre em Educação Pela UEMG

## RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender o processo de construção da identidade racial na EJA - Educação de Jovens e Adultos. A construção da identidade do indivíduo se dá na relação dialógica entre as pessoas e consigo mesmo. É no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais. Nesse processo, homens e mulheres, negros e negras, a maioria dos estudantes na citada modalidade de ensino, vivenciam no decorrer da vida as traumáticas situações de racismo, de preconceitos e de discriminações.

As atividades pedagógicas foram desenvolvidas em uma turma de alfabetização de adultos, cuja proposta de discutir relações raciais ocorreu devido ao silêncio dos estudantes e na busca de subterfúgios para tratar a questão.

**Palavras-chave:** Identidade racial – Relações raciais – Educação de Jovens e Adultos

## **ABSTRACT**

The review of the educational proposal sought to understand the racial identity construction process in EJA - Youth and Adult Education. The construction of the individual's identity occurs in the dialogic relationship between people and himself. It is in the context of culture and history that define social identities. In this process, men and women, black men and women, most students in the aforementioned type of education, experience throughout life traumatic situations of racism, prejudice and discrimination.

The educational activities have been developed in an adult literacy class, whose proposal to discuss race relations incurred in the silence of the students and finding subterfuges to address the issue.

Keywords: racial identity - race relations - Youth and Adult Education

## SUMÁRIO:

1 - Introdução	7
2 - Justificativa	9
3 - Objetivos	13
4 - Culminância	13
5 - Procedimentos Metodológicos	14
6 - Sujeitos da EJA e estrutura escolar	14
7 - Desenvolvimento das atividades	33
8 - Avaliação	39
9 - Considerações Finais	40
10 - Bibliografia	41
11 - Anexos	43

## 1 - Introdução

Como professora alfabetizadora, atuando na modalidade de ensino da EJA – Educação de Jovens e Adultos, eu me fazia constantes perguntas de como trabalhar as relações étnico-raciais na sala de aula. Tendo conhecimento das Leis Federais nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, e 11.645, de 10 de março de 2008 e, da Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, juntamente com aquelas indagações, isso me serviu de motivação para a inscrição no Curso de Especialização Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola.

Antes do curso, sem o preparo necessário para lidar com a implementação da legislação, eu trabalhava sobre a História e Cultura Afro-Brasileira sem discutir as relações étnico-raciais. Outro aspecto a ser considerado é o desafio da questão da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação apresentadas no cotidiano escolar, antes eu acreditava no mito da democracia racial, faltando-me uma reflexão quanto aos preconceitos que permeiam nossa sociedade.

Também, não percebia o preconceito nas relações raciais na EJA, tanto no convívio dos educandos entre si quanto nas relações com os profissionais atuantes no espaço escolar. O preconceito manifesta-se em brincadeiras ou apelidos alusivos à cor, em falas repetidas do senso comum referente à cor e na própria expectativa do professor quanto ao rendimento do aluno negro quando comparado ao branco. Enquanto profissional, observo que a falta de preparo nos impede de lançarmos mão das situações flagrantes de discriminação racial no espaço escolar como um momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar nossos estudantes sobre a nossa identidade.

Nem sempre nós professores percebemos a existência de uma ideologia da inferiorização do negro, que é fortalecida na escola através do livro didático sob a forma de estereótipos e preconceitos e, enquanto mediadores do

processo pedagógico, acabamos por reforçar na prática pedagógica a transmissão destes estereótipos e preconceitos.

O momento mais forte de reflexão do curso EPPIR, na minha avaliação, ocorreu na realização da atividade em roda de conversa, na turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz. Os estudantes foram convidados a falar sobre suas experiências escolares relacionadas aos seus pertencimentos étnico-raciais. A pergunta apresentada: como é ser negro, branco ou indígena na escola? Houve um grande silenciamento da turma.

Com insistência, alguns estudantes fizeram alusão a outros processos discriminatórios: de gênero, condição social, religiosos e bullying por aparência ou deficiência física.

Acredito que, seja na escola ou na vida, por longo tempo se produziu um forte tabu entre nós adultos quanto às relações raciais, daí a dificuldade do adulto da EJA. Além do embaraço em verbalizar sobre a temática das relações étnico-raciais, eles até negam a existência de experiências dolorosas e traumáticas de discriminação.

Ao que tudo indica, crescer vítima de discriminação racial produz uma forte dificuldade em se autodeclarar negro/a e possivelmente uma tendência em naturalizar o racismo.

Para superar esse silenciamento, é preciso reafirmar a escola como espaço de construção de debates, saberes e práticas de afirmação de identidades e enfrentamento dos preconceitos e discriminações presentes na sociedade brasileira.

A EJA está inserida nos processos de construções históricas, sociais e culturais, o que contempla as preocupações com a construção da identidade. Pensar a realidade dessa modalidade de ensino, implica pensar a realidade dos jovens e adultos, na sua maioria negros, que vivem em processos de exclusão social e racial, devendo a escola desenvolver projetos e políticas de inclusão que também contemplem a importância das questões étnico-raciais. Esses projetos podem contribuir para o desenvolvimento de mudanças



identitárias na forma como os jovens e adultos negros (as) se vêem, lidam e se posicionam no mundo, podendo se apresentar como uma oportunidade para que ressignifiquem suas identidades negras.

## **2 - Justificativa**

A educação é um direito inerente aos seres humanos, independente da faixa etária. Numa sociedade complexa e em transformação, o acesso aos saberes sistematizados é imprescindível para o desenvolvimento pleno da cidadania. A EJA, considerada modalidade de ensino da Educação Básica, ofertada nos níveis de ensino fundamental e médio e na Educação Profissional, deve buscar não apenas instrumentalizar o sujeito educando para decifrar signos linguísticos, mas também, capacitá-lo a fazer uso da linguagem escrita em diversos contextos sociais. Ao propiciar acesso aos bens culturais e simbólicos da sociedade, garantimos a construção do conhecimento como ferramenta para o desenvolvimento da autonomia do sujeito. Nesse sentido, a EJA assegura a capacidade dos sujeitos intervirem na sociedade em que estão inseridos.

O agrupamento dos sujeitos da EJA em sala de aula, configura uma multiplicidade de sujeitos que carregam saberes adquiridos em múltiplos espaços e tempos de experiência. Dar voz a esse grupo de sujeitos e realce às suas histórias, suas culturas, suas experiências e suas lutas sociais faz parte do compromisso educativo da EJA, especialmente dos educadores.

A EJA está inserida nos processos de construções históricas, sociais e culturais, o que contempla as preocupações com a construção de identidade. Pensar a realidade da EJA implica pensar a realidade dos jovens e adultos, na sua maioria negros, que vivem em processos de exclusão social e racial. Assim, a escola deve desenvolver projetos e políticas de inclusão que também contemplem a importância das questões étnico-raciais, pois esses projetos podem contribuir para o desenvolvimento de mudanças identitárias, ou seja, na forma como os (as) jovens e adultos (as) negros (as) se vêem e posicionam no mundo, podendo se apresentar como uma oportunidade para que

ressignifiquem suas identidades negras. A pessoa que se reconhece, assume e orgulha de seu pertencimento à população negra, está mais propícia a contribuir positivamente no processo de identidade desse grupo.

Segundo Mirian de Albuquerque Aquino:

As relações desiguais produzidas nos diversos setores da sociedade, da informação, conhecimento e aprendizagem e, por várias vezes, disseminadas pela mídia impressa e a internet, figuram nos imaginários racistas, classistas, sexistas e machistas, construindo preconceitos, estereótipos, racismo e discriminação.

Percebemos, na sala de aula, o silenciamento dos educandos da EJA quando nos propomos a discutir as relações raciais. Provavelmente, as experiências traumáticas vivenciadas por esses educandos os levem a essa atitude.

No Brasil, observa-se na atual conjuntura das relações raciais que, ainda hoje, o discurso da classe dominante naturaliza uma suposta inferioridade e caráter submisso do negro. Essa representação é disseminada e legitimada ao passo que o sujeito negro internaliza o mesmo discurso e passa da situação de vítima a próprio agressor. Este aspecto pode ser observado quando ouvimos a fala de que os próprios negros são preconceituosos, expressão que consiste, para Souza (1983), no ápice da violência racista. Esta se faz sentir na necessidade de destruição da identidade do sujeito negro que, por meio da internalização da hegemonia branca, tende a construir para si um ideal identificatório distinto de sua realidade.

A identidade é definida a partir de configurações que compreendem os indivíduos e as teias de interdependência formadas nesta relação. Segundo GOMES, ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. Constitui-se a partir das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. A identidade indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana.

De acordo com o antropólogo Kabengele Munanga:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994: 177-178).

O estudo apresentado por Souza explica uma tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que diz respeito aos seus sentimentos e emoções. Isto significa lançar um olhar sobre a experiência de ser negro numa sociedade branca, apontando assim, características dessa sociedade: de classe e ideologia dominante branca; de estética e comportamentos brancos; de exigências e expectativas brancas. A autora põe a prova que saber-se negro (a) em nossa sociedade é viver a experiência de ter sido massacrado (a) em sua identidade, confundido (a) em suas perspectivas, submetido(a) a exigências, forçado(a) a expectativas alienadas. Entretanto, faz-se necessário buscar a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (1983, p.18).

Nestas relações, percebe-se que, distante de seus valores originais e representado essencialmente por sua herança religiosa, o negro tomou o sujeito branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “tornar-se gente”. Logo, se empenha na conquista da ascensão social e paga o preço do massacre que prejudica a construção de sua identidade.

O negro nasce e sobrevive em meio a uma ideologia que lhe é imposta pelo branco como um ideal a ser atingido e que o impele à luta para realizar este modelo. A expressão “ser negro é ter que ser o mais”, se solidifica a medida que ser o melhor seria o fator determinante para ser introjetado, assimilado, e reproduzido (SOUZA, 1983). A autora afirma que:

[...] ser negro é tomar consciência do processo ideológico que, por meio de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o

respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.

A escola precisa se instrumentalizar para ser capaz de romper com certos paradigmas e estereótipos e oferecer tanto aos jovens quanto aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade que foram interiorizados pela cultura racista na qual foram socializados, como afirma Munanga:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas os alunos da ascendência negra (...) essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que apesar das condições desiguais as quais se desenvolvem, contribuíram cada um em seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

A EJA é chamada à responsabilidade de comprometer-se com a transformação da realidade à sua volta, propiciando meios para a formação de cidadãos atuantes, democráticos, respeitosos e capazes de agir em prol da construção de uma sociedade inclusiva, mais disposta a valorizar as diversidades que formam o Brasil.

Segundo Nilma Lino Gomes,

uma proposta pedagógica que contemple a diversidade étnica e racial dos sujeitos da EJA, carrega em si uma contradição (...) pois ao mesmo tempo em que se faz necessária a luta pela inclusão da questão racial nos currículos e práticas da EJA, é necessário reconhecer que ela já está presente na EJA por meio dos estudantes pobres e negros que majoritariamente frequentam essa modalidade de ensino.

Resgatando a função social da escola, constatamos que no centro do processo de aprendizagem e construção de conhecimentos, está a afirmação da identidade racial e cultural como elemento potencialmente transformador das relações étnico- raciais na escola e na sociedade.

Percebendo que a escola é uma instituição que trabalha com delicados processos da formação humana, dentre os quais se insere a diversidade étnico-racial, apresentamos um projeto em 2015 intitulado de “Estudando

nossas raízes”. A ênfase foi dada aos estudos da africanidade brasileira, tratando das raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Abrimos uma conversa em sala de aula apresentando modos de ser, de viver, de organizar as lutas, jeito próprio dos negros brasileiros e, as marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do nosso dia-a-dia.

### **3 - Objetivos**

O projeto visa conhecer detalhes significativos da história de nosso país, bem como a própria história dos brasileiros de variadas etnias e trabalhar a temática relacionada com a cultura afro-brasileira e a cultura indígena, com os seguintes objetivos:

- ✓ Resgatar a identidade, autoestima, cidadania e integração das diferenças do educando da modalidade de ensino EJA;
- ✓ Sensibilizar os educandos para a necessidade de se estudar, falar, tratar da temática das relações raciais na escola e na sociedade;
- ✓ Contribuir para que os educandos negros se sintam em condições de tratar da questão junto a seus parentes, em seus trabalhos etc.
- ✓ Apontar a matriz africana presente no Brasil como uma das principais referências culturais e étnicas na formação do povo brasileiro.

### **4 - Culminância**

Apresentação do minidicionário de termos da africanidade brasileira, confeccionado pelos estudantes. Marcar um dia especial na escola, combinar com a turma de fazer convites aos familiares e amigos para participarem da exposição e socialização de conhecimentos adquiridos com o projeto desenvolvido.

## **5 - Procedimentos metodológicos:**

O curso da EPPIR nos ajudou na reflexão de que quase sempre a representação social do negro está vinculada à situação de escravidão, subalternidade, pobreza e hierarquização social e racial. Cabe a nós, profissionais da educação, contribuir para reverter essa situação, no sentido de construir outras práticas políticas e pedagógicas para a Educação das Relações Étnico-raciais. Essa ação depende de suscitarmos mudanças profundas, referentes aos valores, ao sentido da escola, à relação com a comunidade, à elaboração e execução Projeto Político Pedagógico (PPP), à formação dos profissionais, aos nossos espaços, às nossas atitudes, e também ao nosso conhecimento e desejo de construção de práticas políticas e pedagógicas de enfrentamento ao racismo e as desigualdades raciais no contexto escolar.

Antes propriamente de apreender, compreender e analisar a ação pedagógica ou descrever o cenário em que correu, vamos dizer quem são esses sujeitos educandos da Educação de Jovens e Adultos.

## **6 - Os sujeitos da EJA e a estrutura escolar**

A Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz está vinculada à estrutura da Rede Municipal de Educação de Contagem, especificamente, localizada no bairro Darcy Ribeiro, da circunscrição da Regional Administrativa Vargem das Flores, no município de Contagem/MG, constituída pelo bairros/vilas da região: Nova Contagem A e B, Ipê Amarelo, Retiro (das Esperanças), Baganvile I e II, Aparecida; Santa Filomena, Icaivera, Nazaré, Tupã, Darcy Ribeiro, Vila Nova Esperança, Vila Estaleiro I e II, Vila Formosa, Vila Soledade, Vila Renascer, Vila Feliz, Condomínio San Remo, Campo Alegre (Rural) e Capim Rasteiro (Rural), área com características de transição entre o meio urbano e rural. A instituição escolar se insere em contextos de limites, complexidades e potencialidades.

A Regional de Vargem das Flores no Município de Contagem, e o bairro Darcy Ribeiro, na regional Vargem das Flores.



Fontes: <http://www.contagem.mg.gov.br/?og=887306&op=apresentacao> e Google Maps. consulta em 31/01/2016

A Região de Vargem das Flores está ligada à criação do reservatório de abastecimento de água e ao crescimento da população da cidade, devido ao loteamento de fazendas na região e à construção do bairro Nova Contagem, na década de 1970. Este contexto é parecido com o crescimento de outros municípios do Brasil: os “centros” das cidades se tornam insuficientes para abrigar a população, que passa a ocupar as regiões periféricas, que em diversos casos eram fazendas loteadas. Esse processo afeta principalmente as populações mais pobres, que passam a ocupar as periferias, muitas vezes sem nenhuma estrutura. Assim foram criados muitos dos bairros periféricos mais recentes.

O terreno do bairro Darcy Ribeiro, nomeado em homenagem ao grande antropólogo, escritor e político brasileiro, antes era uma fazenda, que foi uma doação do prefeito da cidade, à época, aos moradores que residiam em áreas de risco no município. A Vila Barraginha é um dos lugares de origem da população e fica na região da Cidade Industrial. Na década de 90 ela sofreu

vários deslizamentos de terra, sendo o principal a tragédia ocorrida em 1992, quando fortes estrondos e ventanias precederam a uma avalanche de terra, às 13h e 40 minutos do dia 18 de março, o que deixou 37 mortos, centenas de feridos, desabrigados e 150 barracos cobertos. Junto a esses moradores, migraram tanto do interior do estado de Minas Gerais quanto de outros estados, muitas famílias de origem rural. Quanto aos estudantes da turma do primeiro segmento da EJA comprova-se esse fenômeno de migração.

Gráfico I: Local de nascimento dos alunos da turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, em Contagem / MG, ano de 2015.



Gráfico II: Último lugar em que moraram antes de Contagem os alunos da turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, em Contagem / MG, ano de 2015.





Gráfico III: Bairros em que residem atualmente os alunos da turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, em Contagem / MG, ano de 2015.



As primeiras famílias foram assentadas no Bairro Darcy Ribeiro em março de 1998, e a Escola Francisco Sales da Silva Diniz iniciou seus trabalhos em agosto deste mesmo ano, em instalações provisórias. Estima-se que, em 1999, cerca de 400 famílias habitavam a região do bairro.

O bairro apresenta algumas casas grandes e modernas, entretanto, a maioria delas foi construída em trabalho de **mutirão**, sobretudo, familiar. Os moradores comumente as denominam barracões. Esses barracões são feitos com tijolos, sem o chamado “reboco”, e quase sempre sem pintura. Em algumas situações esses barracões são ampliados tanto no plano horizontal

quanto no vertical por meio de construções denominadas puxadinhos. Dessa forma abrigam a própria família ou servem para receber outras pessoas ou atendem a outras demandas específicas desses sujeitos. Nessa região, de maneira geral, predomina a construção de habitações populares.

Recentemente, o bairro começou a receber infraestrutura básica de água, luz, esgoto e telefone e, a partir de 2009, teve início o atendimento com transporte coletivo público nesse local.

No entorno do Bairro Darcy Ribeiro, observam-se pequenos sítios. Há pouca iluminação em determinadas partes, inclusive na entrada. Frequentemente lâmpadas queimadas nas ruas levam dias para serem trocadas, o que, de certa forma representa um “risco” para os alunos da escola e da própria comunidade, cenários esses muito próprios de países como o Brasil.

A descrição do espaço interior da Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz remete à sua história. Inicialmente, era uma escola de madeira, que ocupou por determinado tempo o local de um campo de futebol. Posteriormente, ela deslocou-se para a casa que era sede da fazenda que existia naquela área. Hoje, temos uma escola com uma arquitetura moderna, de espaços horizontais e lineares, com pouca perspectiva de circularidade. Tem um total de trinta e duas salas distribuídas entre salas de aula, secretaria, biblioteca, cozinha, refeitório, sala de mecanografia, sala dos professores, quadra e um pátio retangular. Certo é que, só nos meados dos anos 2000, é que a ganha o contorno arquitetônico atual.

No horário da noite, no mesmo prédio escolar coabitam duas escolas. Temos a Escola Estadual de Ensino Médio, atendendo a uma demanda de oito turmas de adolescentes do ensino médio comum, e duas turmas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. E temos também a Escola Municipal Francisco da Silva Diniz, que atende três turmas de ensino fundamental, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, sendo uma turma de adultos da Alfabetização/primeiro segmento e duas turmas dos anos finais do ensino fundamental/segundo segmento. O agrupamento dos estudantes se deu em observância às idades (juventude e adultos).

Consideramos de fundamental importância ouvir o que os educandos têm a dizer a respeito da escola, além de seu retorno e permanência no processo de escolarização.

Questionados sobre os maiores problemas do Brasil, os estudantes apontaram a fome, o atendimento à saúde, o transporte público, a violência, as drogas e o desemprego. O serviço público de atendimento médico consta da queixas diárias, e quase sempre apresenta problemas estruturais, como demorada para marcações, ausência de aparelhos e medicamentos e falta de profissionais. A maioria dos trabalhadores do bairro se desloca de casa para o trabalho por meio do transporte público. No caso dos estudantes, eles relatam que ser usuário de transporte público simboliza viver momento de angústia, e enfrentar mais uma adversidade a ser vencida, tendo em vista as condições dos ônibus, como lotação excessiva e também os trajetos longos e demorados. A violência gera medo, sendo justificativa de falta às aulas.

Quando se fala do cenário da EJA e, conseqüentemente, do perfil dos educandos, nos deparamos com sujeitos de diversas faixas etárias e com inúmeras histórias de vida que por diversos motivos foram excluídos da escola “regular” ou que pelo ingresso no mercado de trabalho evadiram-se dela. Nessa escola, na turma de primeiro segmento, todos os estudantes são adultos, na faixa etária de 25 anos a 59 anos, sendo 6 homens e 14 mulheres.

A interrupção escolar ocorre por diversos fatores: a necessidade de trabalhar ainda na infância para ajudar no sustento de suas famílias, a falta de escola próxima da residência, principalmente no caso dos estudantes com deficiências, que dependiam de acompanhamento dos pais pra frequentar a escola, entre outros.

Gráfico IV: Motivos que levaram a parar de estudar os alunos da turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, em Contagem / MG, ano de 2015



Com características de ter passagens curtas pela escola, histórias de vida diferenciadas e experiência escolar marcada pela exclusão, os estudantes sentem vergonha de nunca ter estudado ou ter parado de estudar. Também, têm medo do ridículo e do desconhecimento. Eles buscam a escola, procurando o “ensino” como uma afirmação do direito a ter uma escola pautada em suas necessidades e desejos, mantendo-se na escola por afinidade e não por obrigação.

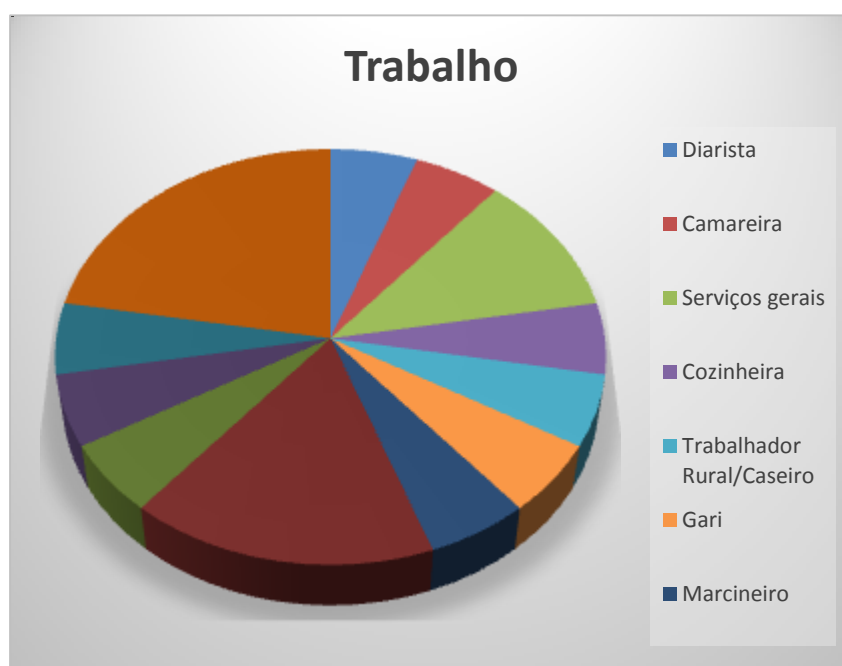
Os principais motivos apresentados por esses alunos para retornarem à escola são: a sociedade é da letra, necessidade de preencher ficha (cadastro em empresas), vontade de aprender, tirar habilitação para dirigir, conseguir trabalho melhor e ensinar aos filhos na tarefa de casa.

Perguntamos o que há de bom na escola, os mesmos indicaram as relações interpessoais com os profissionais e colegas. As aulas de Educação Física foram citadas por homens que fielmente jogam futebol toda semana. Manifestam alegria na oportunidade do uso da quadra da escola. Aparece a merenda, entretanto no decorrer do ano letivo, fizeram reclamações constantes.

Com relação à situação de trabalho, a maioria é de trabalhadores ativos. Dispõem-se a frequentar a EJA pelo desejo pessoal de mudanças nas suas

condições de vida. Segundo seus relatos, é com sacrifício que estudam no noturno, pois acumulam responsabilidades profissionais e domésticas. Além disso, o estudo reduz o pouco tempo livre que possuem.

Gráfico V: Situação de trabalho dos alunos da turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, em Contagem / MG, ano de 2015.



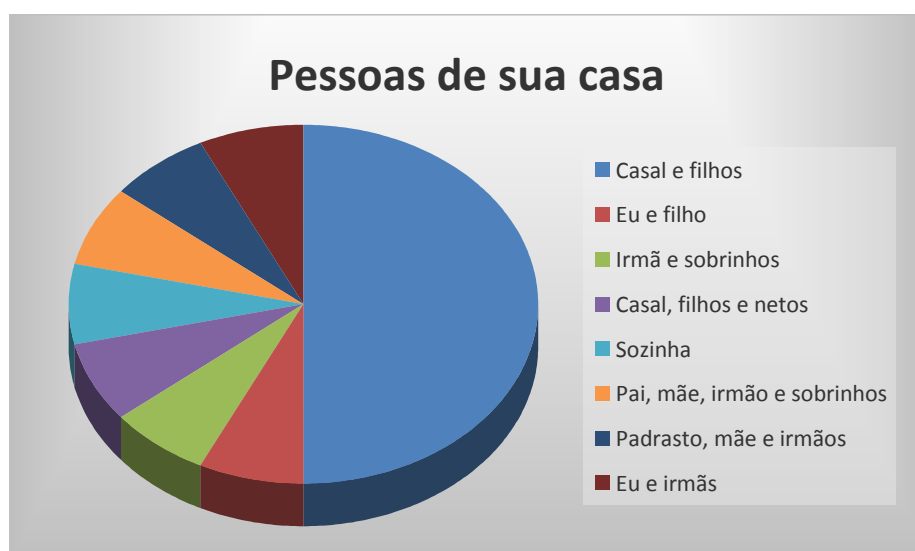
A categoria “estudante” é composta por pessoas com deficiência, sendo uma delas uma mulher com Síndrome de Down, sem experiência de escolaridade, de origem rural. Esta obteve o registro de nascimento na fase adulta após o falecimento dos seus pais, quando sua irmã tornou-se responsável pela mesma. Outra mulher, sem laudo médico, apresenta dificuldade de aprendizagem ou deficiência. E há também um homem surdo, que teve algumas passagens por escolas em curtos períodos, e sempre evadia por não se comunicar no ambiente escolar. Atualmente tem apoio do intérprete e do instrutor de LIBRAS.

Observa-se que as ocupações dos educandos são não qualificadas, quase sempre mal remuneradas e elencadas entre as profissões pouco

reconhecidas socialmente, mas que estão diretamente ligadas a moradores de bairros pobres e marginalizados.

A estrutura familiar dos educandos é bastante variada. A necessidade de presença deles em casa, quase sempre é o motivo de sua não permanência na escola. Muitas vezes, as crianças são pequenas, faltando a companhia de um adulto em casa.

Gráfico VI: Composição familiar dos alunos da turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, em Contagem / MG, ano de 2015.



O ciclo de convivência limitado parece ser o motivo de quase todos enumerarem apenas seus familiares como pessoas que conhecem e admiram.

Gráfico VII: Pessoas conhecidas e admiradas pelos alunos da turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, em Contagem / MG, ano de 2015.



O tempo livre é bastante restrito em consequência das obrigações e perda de tempo com a locomoção para o trabalho, assim, quase sempre o lazer é deixado de lado. Quando questionados sobre o que mais fazem quando estão à toa, os alunos responderam que fazem um churrasco, tomam cerveja, jogam sinuca, costuram, vão ao campo de futebol, vão à igreja, vêem TV, deitam e descansam, saem com as crianças para brincar e uma senhora disse que chora muito. Essa senhora é bastante ansiosa, agitada e mora sozinha em um barraco ao lado da mãe. A atividade de ver televisão é acessível a todos, quase todos a realizam. Devido as suas situações financeiras, possivelmente são privados também de bens culturais.

Gráfico VIII: O que mais gostam de assistir na TV os alunos da turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, em Contagem / MG, ano de 2015.



Os moradores do bairro Darcy Ribeiro e estudantes que frequentam a escola pertencem às camadas populares do município, em sua maioria negros, com pouca escolaridade e ainda com dificuldades de acesso a água, luz e esgoto. Podemos afirmar que a escola é o espaço público em que esses sujeitos sociais têm oportunidades de encontros e diálogos com a diversidade. Além desse espaço, têm acesso às igrejas cristãs de variadas denominações, ou oportunidades de realização de cursos da educação profissional na unidade da Fundação de Ensino de Contagem (FUNEC) ou ainda, realização da prática de atividade física na Academia da Praça ou de esportes no campo de futebol.

Quando perguntados sobre sua cor/etnia, segundo os critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a maioria dos estudantes se declaram pardos e brancos, os pretos dizem “Ah! Professora, acho que sou pardo(a)”. Dos estudantes que não declararam, temos surdos, talvez por não compreender a pergunta, e também negros.

Gráfico IX: Declaração de cor dos alunos da turma de Primeiro Segmento da EJA, anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, em Contagem / MG, ano de 2015.





Compreender os estudantes da EJA demanda considerarmos não apenas a idade como única dimensão que os define. Diríamos, então, que os adolescentes, jovens e adultos/idosos que integram essa modalidade de ensino apresentam, predominantemente, traços socioculturais específicos, podendo dizer que se trata, segundo Oliveira, de: “[...] um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 1999.p.15).”

Especificamente sobre os adultos, é elucidativa a seguinte afirmação de Oliveira:

O adulto – para a educação de jovens e adultos – não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como, por exemplo, artes, línguas estrangeiras ou música. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muitos frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo (OLIVEIRA, 1999. P. 15-16).

Ao final do ano de 2015, por iniciativa da Secretaria de Educação de Contagem, foi realizada pesquisa diagnóstica dos estudantes da EJA com o intuito de oferecer informações sobre os jovens, adultos e idosos que estudam nas escolas desse município. A intenção era apresentar dados relevantes que potencializassem ações pedagógicas nas escolas e fomentassem, entre os gestores, políticas públicas intersetoriais visando qualificar o atendimento aos estudantes.

Observamos nos dados apresentados que a maioria dos estudantes se autodeclara como negros, incluindo pretos e pardos, com a quantidade maior do sexo masculino em relação ao sexo feminino. Uma das mudanças mais significativas diz respeito à faixa etária dos estudantes com a predominância de jovens (15 a 29 anos), sendo que quase 50% (cinquenta por cento) dessa juventude se encontra na faixa etária de 15 a 17 anos. Esse processo de juvenização da EJA, no município de Contagem, nos últimos anos, segue a tendência nacional observada por muitos autores.

Figura I: Distribuição por sexo e idade dos alunos do EJA, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.

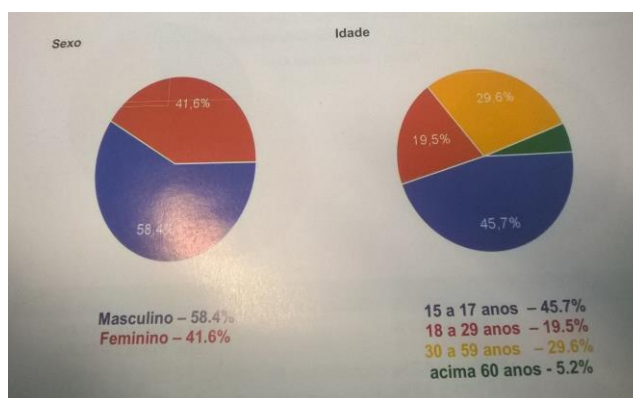
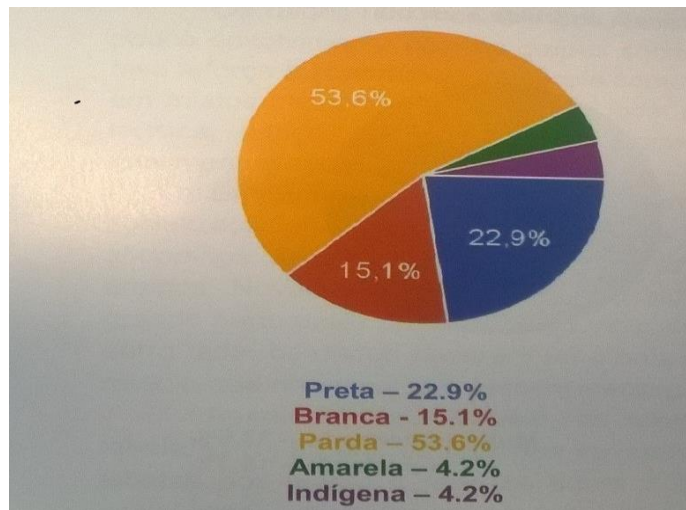


Figura II: Distribuição por cor/raça dos alunos do EJA, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.



Cadernos da EJA- 2015

Tendo como base as percepções dos estudantes em relação ao preconceito e à discriminação existentes na sociedade brasileira, foi solicitado que eles indicassem se os grupos apresentados nos gráficos sofrem com essas ações. Entre os estudantes, existe a percepção de que negros, pobres, moradores de periferia, pessoas com deficiência, idosos, homossexuais, prostitutas e travestis sofrem preconceito ou discriminação.

Figura III: Como os alunos do EJA percebem o preconceito em relação aos negros de pele escura, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.

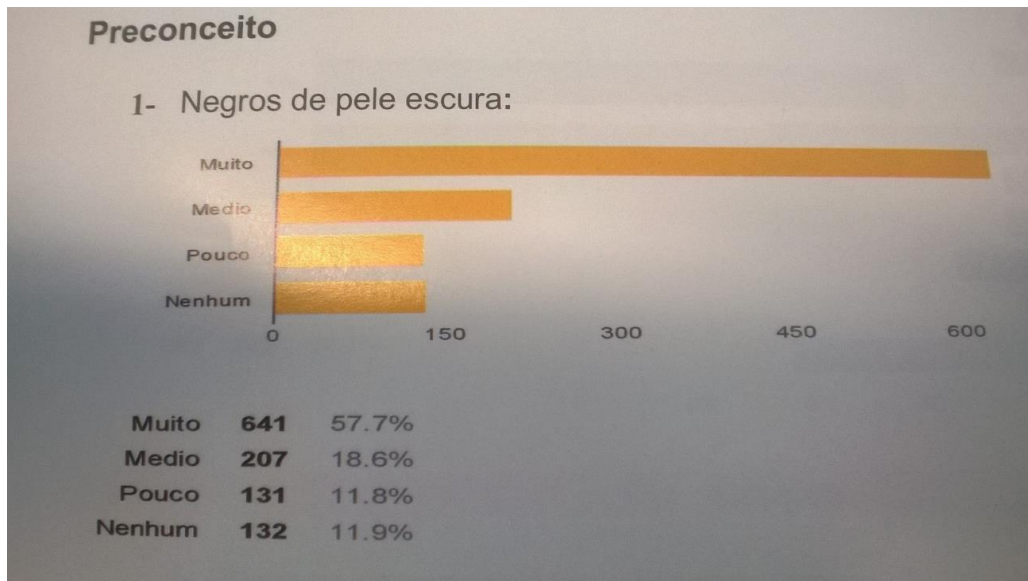


Figura IV: Como os alunos do EJA percebem o preconceito em relação aos pobres, independente da cor, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.

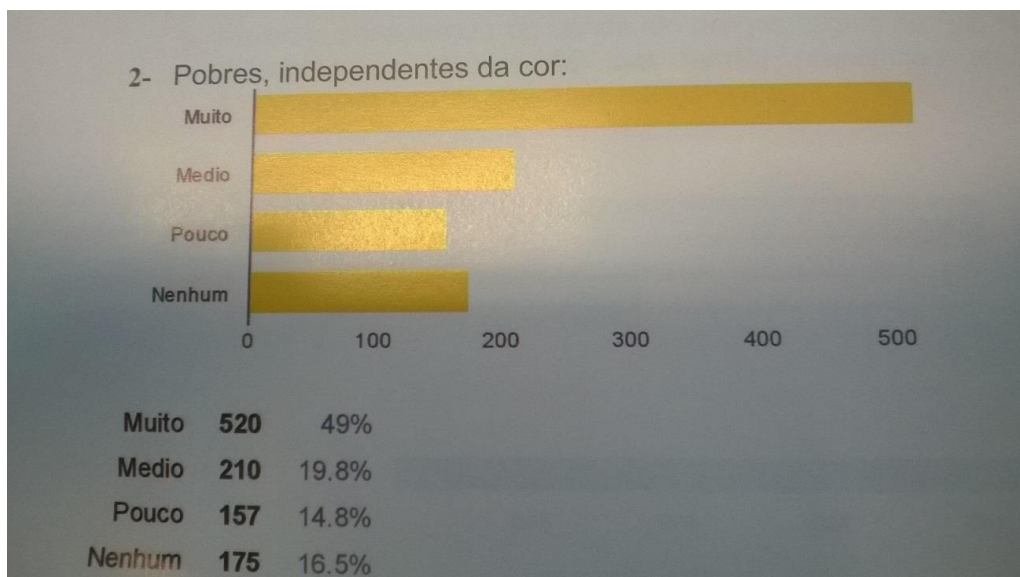


Figura IV: Como os alunos do EJA percebem o preconceito em relação aos moradores de favelas, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.

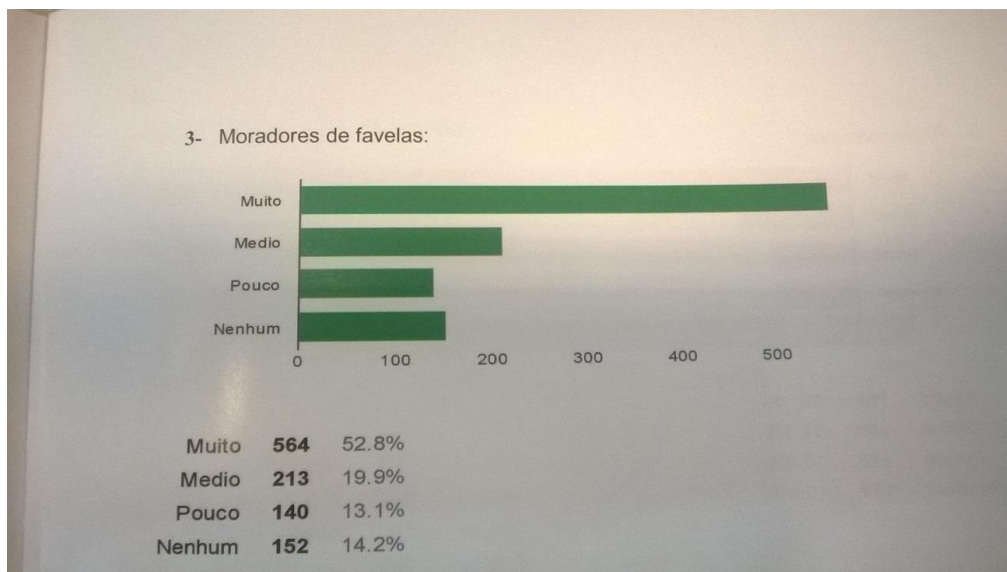


Figura V: Como os alunos do EJA percebem o preconceito em relação às pessoas com deficiências físicas, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.

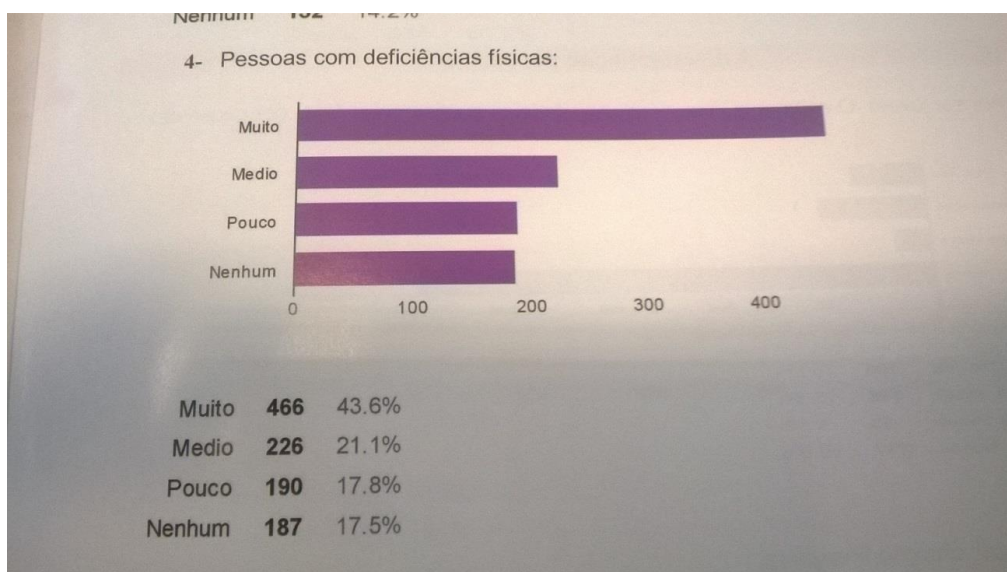


Figura VI: Como os alunos do EJA percebem o preconceito em relação às pessoas idosas, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.



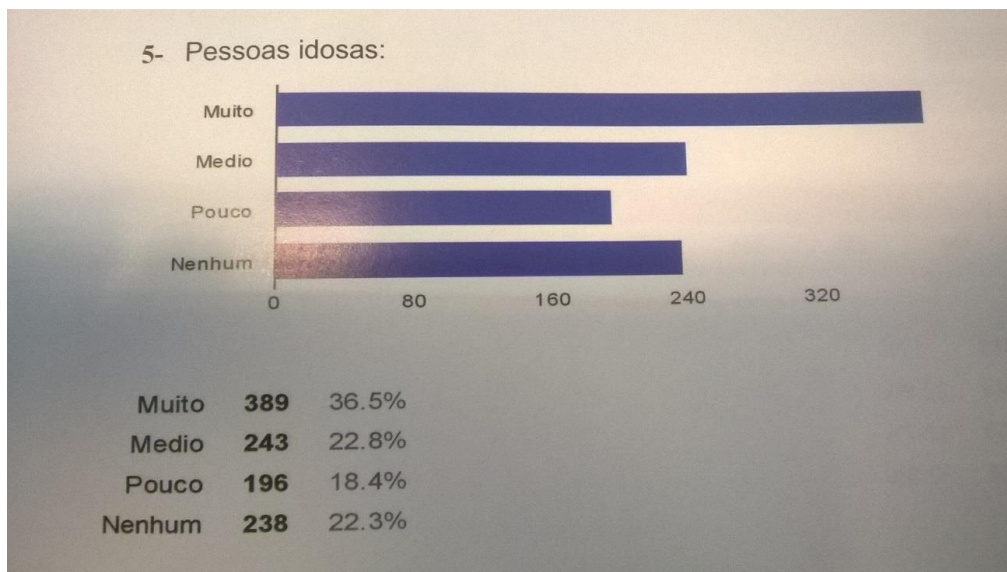
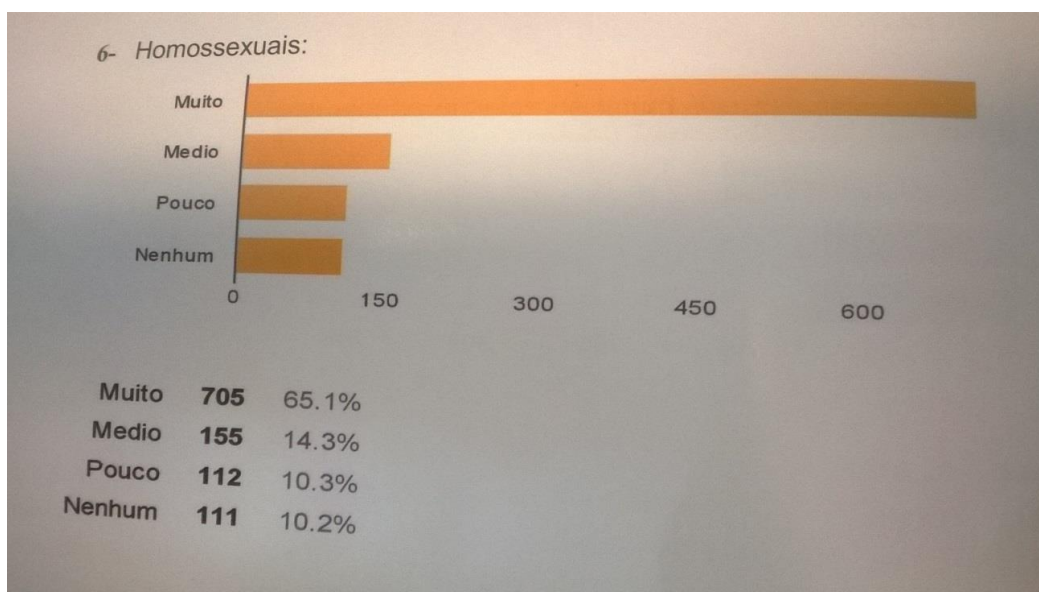


Figura VII: Como os alunos do EJA percebem o preconceito em relação aos homossexuais, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.



Gráficos: Cadernos da EJA- 2015

Uma observação interessante é a mudança na percepção dos estudantes quando a pergunta deixa de ser em relação ao outro e passa a ser em relação a si próprios. A maioria afirma não se sentir rejeitado ou discriminado pela aparência, pela condição juvenil, pela condição financeira, pela cor ou outras condições. Esse dado revela uma ambiguidade ao comparar

com a declaração da cor. Embora tenham se identificado como maioria sendo negros (pardos e pretos) e pobres e reconheçam a existência do preconceito contra esses grupos, os estudantes não se sentem discriminados, mesmo pertencendo aos grupos que, segundo eles, são vítimas de preconceito. Evidencia-se que na concepção dos estudantes o preconceito está no outro e em relação ao outro, o que demonstra a dificuldade deles em falar da dolorosa e traumática experiência de crescer sendo vítima de discriminação.

Figura VIII: Como os alunos do EJA percebem a rejeição ou discriminação em relação a si mesmos por serem jovens, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.

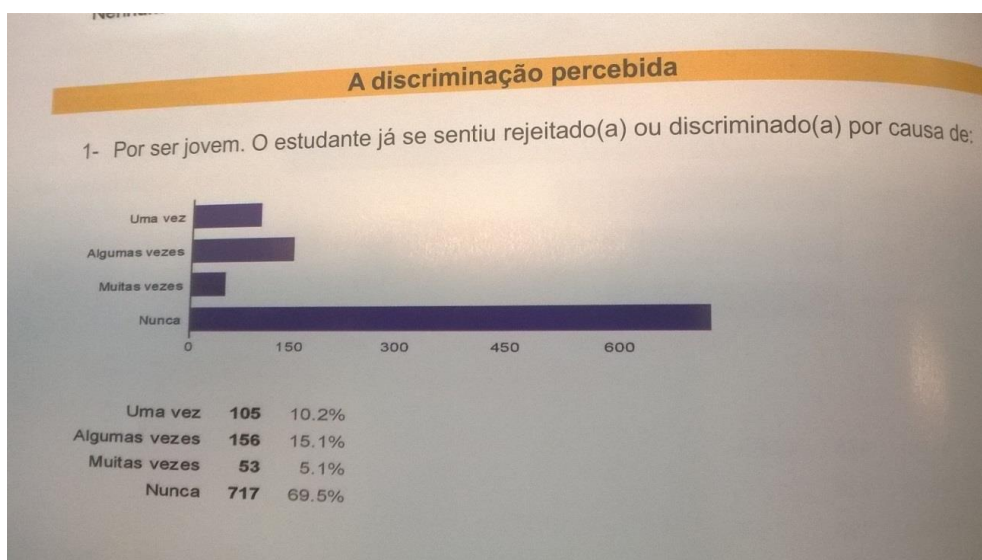


Figura VIII: Como os alunos do EJA percebem a rejeição ou discriminação em relação a si mesmos devido a sua condição financeira, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.

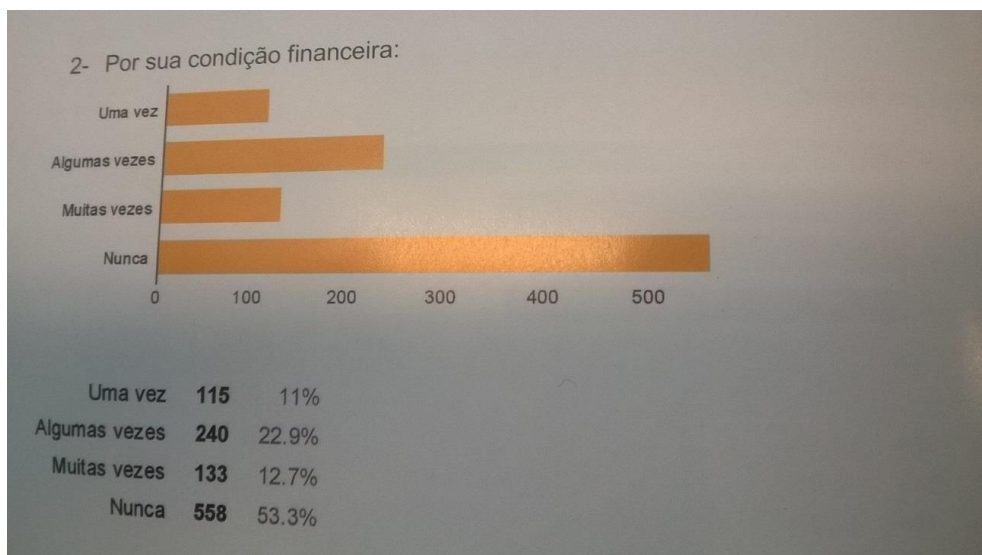


Figura IX: Como os alunos do EJA percebem a rejeição ou discriminação em relação a si mesmos devido ao seu local de moradia, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.

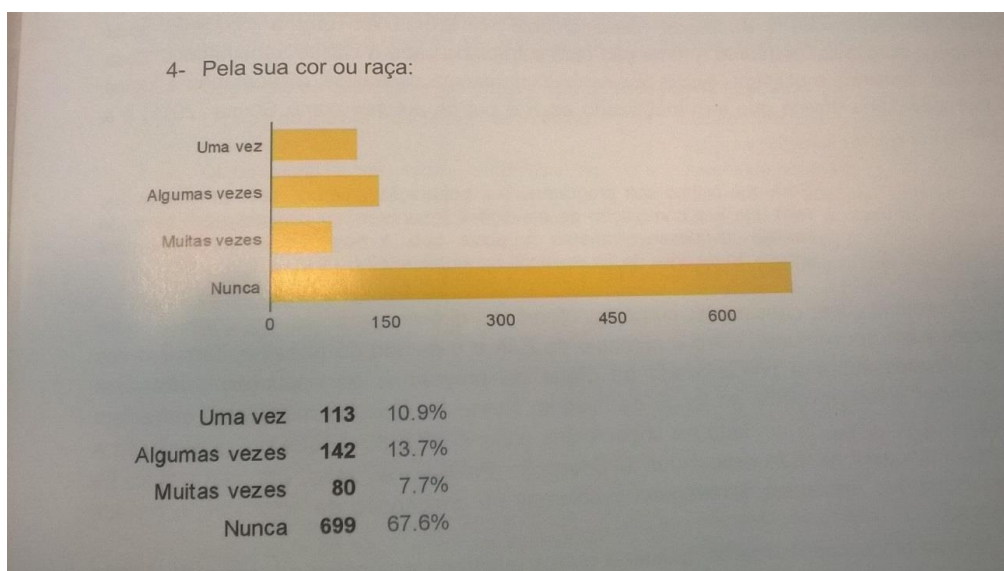
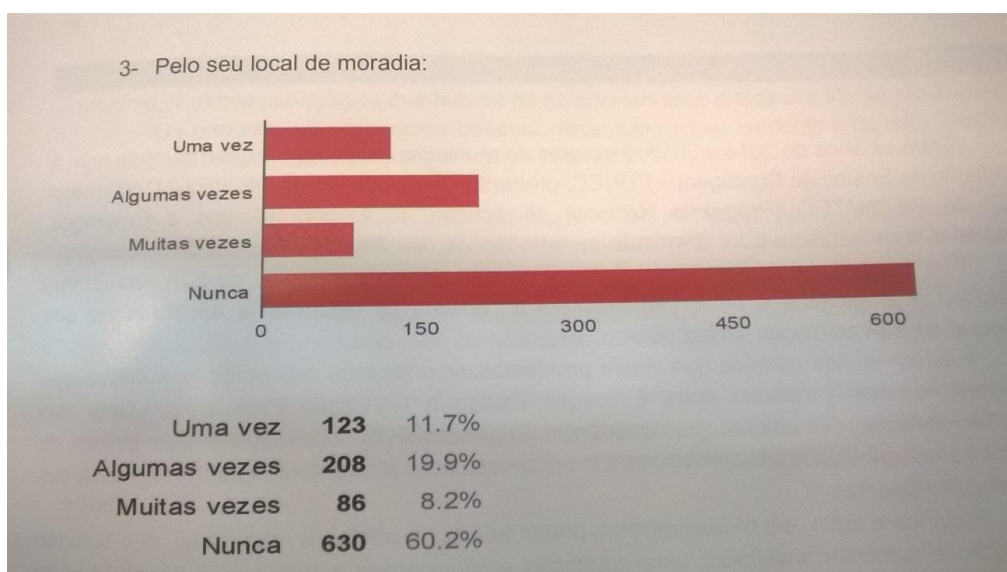


Figura X: Como os alunos do EJA percebem a rejeição ou discriminação em relação a si mesmos devido a sua cor ou raça, conforme pesquisa diagnóstica realizada pela Secretaria de Educação de Contagem, ao final de 2015.





Gráficos: Cadernos da EJA- 2015

## 7 - Desenvolvimento das atividades

As atividades foram realizadas no decorrer do ano letivo, destinando pelo menos uma hora a cada quinze dias, na realização do projeto.

Nós profissionais íamos conversando e definido no coletivo as atividades a serem realizadas de acordo com a proposta do projeto, bem como de interesse dos estudantes. Na turma de alfabetização, a atividade mais envolvente foi a sessão para assistir ao filme “Vista a Minha Pele”.

O vídeo trata-se de uma paródia da realidade brasileira quanto às questões raciais na escola e na sociedade. Nessa história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados, daí as relações raciais incorrem nas marcas do racismo. A garota Maria sofre discriminação na escola porque é branca e a escola dela é toda composta de negros.

A menina branca e pobre estuda no colégio particular graças à bolsa de estudos que tem pelo fato de sua mãe ser uma das faxineiras nesta escola. A maioria de seus colegas a hostiliza, por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade.

Maria quer ser Miss Festa Junina da escola, mas isso requer um esforço enorme, que vai desde a predominância da supremacia racial negra (a mídia só apresenta modelos negros como sinônimo de beleza), a resistência de seus pais, a aversão dos colegas e a dificuldade em vender os bilhetes para seus conhecidos, em sua maioria muito pobres. Maria encontra em Luana uma forte aliada e as duas vão se envolver numa série de aventuras para alcançar seus objetivos.

Vencer ou não o Concurso não é o principal foco do vídeo, mas sim a disposição de Maria em enfrentar essa situação. Ao final ela descobre que, quanto mais confiava em si mesma, mais possibilidades ela tinha de convencer outros de sua chance de vencer.

Entre a proposta de assistir ao vídeo “Vista a Minha Pele” e a apresentação do mesmo ocorreram vários contratemplos. A escola não possui sala de vídeo, todo equipamento precisa ser montado em sala de aula e aí as dificuldades aparecem: onde encontrar cabos da aparelhagem, falta de um profissional que pudesse disponibilizar o material, equipamentos sem manutenção periódica. Enfim, a turma pôde assistir ao filme com 14 estudantes presentes.

Ao proceder à sensibilização da turma para realizar a atividade, perguntamos o que o título do vídeo nos leva a pensar e qual assunto achavam que seria tratado, os estudantes apontaram a necessidade de nos colocarmos no lugar do outro para compreendermos as dificuldades das pessoas.

No comentário do filme, uma estudante lembrou: “eu já assisti esse vídeo no ano passado”.

Concordaram que o racismo e o preconceito social existem, apesar de poucos estudantes terem se manifestado na roda de conversa sobre o filme. Percebi na postura de alguns estudantes o desconforto para comentar o filme, se calaram.

Um senhor foi incisivo dizendo que “a discriminação ocorre também pela idade, uma pessoa de mais idade nem sempre tem crédito ao realizar um trabalho”.

Entre uma atividade e outra fomos produzindo frases de forma coletiva e registrando alguns conceitos básicos sobre a identidade racial, o racismo e seus derivados. De forma simples, por meio de exemplos, fatos e histórias, mediando momentos de ouvir e falar, conduzi uma conversa com os estudantes no sentido de construir os conceitos abaixo discriminados, com vistas a incorporar novas palavras no vocabulário e desenvolver a linguagem oral:

- ✓ Identidade - Segundo GOMES a discussão sobre o conceito de identidade é permeada de complexidade e de usos diversos. Ressalta a autora que identidade não é algo inato, portanto, relaciona-se também com os níveis sociopolítico e histórico em cada sociedade. A construção da identidade se dá pela negociação durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. É no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais. Ao realçarmos a identidade, individual ou social, realçamos também as diferenças.
- ✓ Identidade racial - Nós somos sujeitos de muitas identidades (sexuais, de gênero, religiosa, de nacionalidade, de classe...). Entre as várias identidades sociais que os negros e as negras constroem, há também a identidade negra. Construir uma identidade negra positiva é um desafio, visto que ao negro foi ensinado desde cedo negar seus pertencimentos. Ao discutir conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, a autora Nilma Lino Gomes dispõe:

Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços – institucionais ou não – nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como às outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma.

Nesse mesmo sentido a professora Ana Amélia de Paula Laborne afirma:

Quando falamos de construção identitária, consideramos que estamos diante de um processo mais complexo que, em alguma medida, está ancorado na questão da classificação racial, mas não se resume a ela. A identidade racial é uma construção ideológica e política, negociada por meio do diálogo com o outro e consigo mesmo. Ela é construída ao longo da vida, a partir das experiências sociais e raciais dos sujeitos e sempre pode ser revista, repensada. Ser negro no Brasil é, portanto, um posicionamento político.

- ✓ Racismo - “Racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos” (Programa Nacional de Direitos Humanos, 1998, p. 12). Essa ideia defende a superioridade de certas raças e/ou grupos étnicos. É também o ato da pessoa adepta da teoria racista, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie. Uma maneira de hierarquizar, ou seja, classificação dos seres humanos, com base nas propriedades físicas. Vários estudos demonstram que o racismo é capaz de gerar danos aos indivíduos discriminados tais como sentimento de inferioridade, a perda de autoestima e leva até a depressão. No processo de escolarização, as sequelas do racismo podem se manifestar na evasão do sujeito discriminado ou configurar atraso escolar ou, ainda, apresentar-se na “dificuldade” de aprendizagem.
- ✓ Preconceito - O preconceito é uma opinião preestabelecida, uma maneira de interpretação, que é imposta pelo meio, época e educação. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. É uma atitude negativa em relação a algum grupo social específico. Com base em estereótipos, as pessoas julgam as outras. Assim como o racismo, o preconceito é analisado em sua relação com os sistemas de representação (como as imagens das coisas e das pessoas são apresentadas) e com as questões de poder. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro.

✓ Preconceito racial - O preconceito como atitude, o sujeito não nasce com ele. Ele surge do processo aprendido socialmente a partir das relações interpessoais. O Preconceito racial é dirigido aos grupos considerados inferiores e não merecedores de ações, políticas e direitos iguais aos outros, tais como ter acesso a uma escola de boa qualidade, ter um bom emprego e cargos de chefia, ter uma boa moradia, etc. De acordo com Gomes, as pessoas se fazem preconceituosas conforme suas experiências vividas:

Nenhuma criança nasce preconceituosa. Ela aprende a sê-lo. Todos nós cumprimos uma longa trajetória de socialização que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amizades e se prolonga até a inserção em instituições enquanto profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos. Sendo assim, podemos considerar que os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto. As atitudes raciais de caráter negativo podem, ainda, ganhar mais força na medida em que a criança vai convivendo em um mundo que a coloca constantemente diante do trato negativo dos negros, dos índios, das mulheres, dos homossexuais, dos idosos e das pessoas de baixa renda.

Esses preconceitos, aos poucos, vão se transformando em posições diante da vida, ao se espalharem nas relações interpessoais, carregando consigo outros 'subprodutos' do modelo social vigente nas diferentes sociedades: os estereótipos, a discriminação, o racismo, o sexismo, etc.

✓ discriminação - A palavra discriminação é nome que se dá para :

a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros. A discriminação é algo assim como a tradução prática, a exteriorização, a manifestação, a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo. Como o próprio nome diz, é uma ação (no sentido de fazer deixar fazer algo) que resulta em violação dos direitos (Programa Nacional de Direitos Humanos, 1998, p. 15).

Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das concepções de mundo, das crenças, dos julgamentos e das idéias, a discriminação é o ato ou práticas que os efetivam doutrinas. A discriminação supervaloriza determinadas culturas, dá ao dominador a ideia de que é o melhor e desenvolve no discriminado o sentimento de que vale menos. Ela permite que a sociedade seja considerada sob duas lógicas distintas: a do discriminador de superioridade e a do discriminado de inferioridade.

- ✓ Discriminação racial – O Estatuto da Igualdade Racial no seu parágrafo único do artigo 1º dispõe que discriminação racial ou étnico- racial é:

toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada.

A autora GOMES, ao apresentar alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, chama a atenção para o fato de que a literatura nos apresenta distinções entre diferentes tipos de discriminação racial. A mais comum é a diferença entre discriminação indireta e direta. A discriminação racial direta está associada aos atos concretos de discriminação, em que a pessoa discriminada é excluída expressamente em razão de sua cor. A discriminação indireta deixa de ser manifestação expressa de discriminação por parte de quem quer que seja, mas aquela discriminação sutil gerada de práticas administrativas, empresariais ou de políticas públicas aparentemente neutras, porém dotadas de grande potencial discriminatório, que incorre em desigualdades. Esta última tem sido compreendida como a forma mais perversa de discriminação.

A discriminação indireta é identificada quando os resultados de determinados indicadores socioeconômicos são sistematicamente desfavoráveis para um subgrupo racialmente definido em face dos resultados médios da população. Um exemplo dessa forma de discriminação poderia ser dado pelo pouco sucesso dos negros no

ensino fundamental, em que pese o alto grau de universalização atingido por esse nível de ensino.

- ✓ **Estereótipos** - Os estereótipos são visões generalizadas que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros. Estas visões podem advir de culturas sexistas, racistas ou preconceituosas e são altamente resistentes às mudanças. O Estereótipo estigmatiza lugares sociais, e as pessoas que dele são vítimas, são caracterizadas como pessoas incapazes de fazer algo para além do lugar imaginado. Um exemplo típico da escola: os estudantes de determinados grupos são considerados inteligentes e outros, de outros grupos não recebem a mesmo conceito. Quando um aluno do grupo estereotipado apresenta desempenho fora do esperado é considerado exceção da regra. Frases imbuídas de estereótipo: “Ele é negro, mas é esforçado”; “Ela é pobre, mas é esperta”, “Ele é pretinho, mas é educado”, “Ele é da família Silva? Ah! Então não tem jeito”.

Utilizamos de textos variados, propondo atividades de leitura, escrita e interpretação. Como ouvir “samba”, conversar sobre o que diz o texto, completar as lacunas, montar o texto recortado, colorir espaços em branco, completar cruzadinhas, preencher caça-palavras, fazer receitas de culinária, localizar no mapa mundi os continentes, trabalhar os conceitos de continente e país, bem como identificar os países do continente Africano.

Finalmente, confeccionamos um mini dicionário com alguns exemplos de palavras que têm sua origem nas diversas línguas faladas pelos diferentes povos africanos, sendo ilustrado o trabalho e de capa ilustrada com máscaras africanas.

## **8 - Avaliação**

A escolha e planejamento das atividades realizadas foi acontecendo conforme interesse e o processo da formação dos estudantes.

Desenvolver projetos de discussão da promoção da igualdade racial favorece a construção da autoimagem positiva, conseqüentemente elevando a

autoestima. Dessa forma, no caso dos negros, ao conhecerem sua história específica e se apoderarem dos mecanismos de resistência, eles se tornam sujeitos agentes e construtores da sua identidade, numa relação dialética com a sociedade.

A EJA busca conscientizar o educando de seu valor e incentivar que conquiste o lugar que lhe pertence na sociedade como sujeito histórico de direitos. Sob essa perspectiva, se formam a identidade social e racial. Acreditamos que quando a educação favorece um discurso e uma prática articulada com a identidade do aluno, contribui, de forma significativa, para a construção e valorização dessa identidade e para a ampliação do universo cultural e social que se efetiva numa autorrealização do exercício da cidadania e de inclusão social.

## **9 - Considerações finais**

A identidade da raça negra é fruto de um processo histórico, em que a ideia de submissão foi imposta por séculos. Mas não se pode negar a força que os militantes do movimento negro têm feito para mudar esse estigma de inferioridade, fortalecendo e divulgando a luta de resistência negra em todos os tempos.

Valorizar a identidade negra e combater ações de discriminação e preconceito é o primeiro passo para se alcançar uma sociedade mais justa.

Considerando que jovens e adultos negros representam a maioria entre aqueles que não tiveram acesso ou foram excluídos da escola, é essencial observar o proposto nas Diretrizes Curriculares que regulamentam a Lei n.10.639, de 09 de janeiro de 2003. Esta lei representa anos de luta do movimento negro e consolida o reconhecimento da importância de se conhecer nossa história, e assim combater o preconceito, o racismo e a desigualdade. A forma encontrada pelo movimento negro é fazendo valer e cumprir um conjunto de ações afirmativas capazes de desconstruir olhares e pontos de vistas que guiam, ainda, os processos educativos e a própria sociedade brasileira.



A escola deve propiciar aos educandos o aguçamento da percepção, da sensibilidade, do reconhecimento de suas pertenças herdadas. Com isso, abre-se mais ao diálogo para o trabalho pedagógico coletivo, para a realização de projetos educativos. Com certeza a lei é um avanço em relação às discussões raciais no Brasil.

## 10 - Bibliografia

AQUINO, Mirian de Albuquerque, A construção da identidade profissional de mulheres negras na carreira acadêmica de ensino superior, in Revista da ABPN. v.7, n.15 nov. 2014 – fev. 2015, p. 136-160.

BRASIL. Programa Nacional dos Direitos Humanos. Gênero e raça: todos pela igualdade de oportunidades: teoria e prática, Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_ Estatuto da Igualdade Racial - Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010.

MEC, orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2006

<http://www.acaoeducativa-educacao-de-jovens-e-adultos/10004808-eja-e-relacoes> consulta em 08/11/2015

CONTAGEM, Secretaria Municipal de Educação – Caderno da Educação de Jovens e Adultos, 2015.

Gomes N.L , in “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão”

\_\_\_\_\_ Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

JESUS, Rodrigo Ednilson. in Moodle EPPIR:” Relações Étnico-raciais e a questão racial na sala de aula.”

LABORNE, Ana Amélia de Paula. in Moodle EPPIR “texto base: Racismo e Antirracismo no Brasil”

OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem, Revista Brasileira de Educação, set a dez, nº 12, São Paulo, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

\_\_\_\_\_ Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? Revista da ABPN, v. 4, n. 8, jul/out. 2012, p. 06-14.

NEVES, Natalino. in Moodle EPPIR “Práticas políticas e pedagógicas de enfrentamento ao racismo e as desigualdades raciais”

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

## 11 - ANEXOS



NOME: \_\_\_\_\_ DATA: / /

A VOZ DO MORRO

ZÉ KETI

EU SOU O SAMBA

A VOZ DO MORRO SOU EU MESMO SIM SENHOR

QUERO MOSTRAR AO MUNDO QUE TENHO VALOR

EU SOU O REI DOS TERREIROS

EU SOU O SAMBA

SOU NATURAL DAQUI DO RIO DE JANEIRO

SOU EU QUEM LEVO A ALEGRIA

PARA MILHÕES

DE CORAÇÕES BRASILEIROS

MAIS UM SAMBA,

QUEREMOS SAMBA

QUEM ESTÁ PEDINDO É A VOZ

DO POVO DO PAÍS

VIVA O SAMBA,

VAMOS CANTANDO

ESSA MELODIA PRO BRASIL FELIZ



NOME: \_\_\_\_\_ DATA: / /

IDENTIDADE

JORGE ARAGÃO

SE O PRETO DE ALMA BRANCA PRA VOCÊ  
É O EXEMPLO DA DIGNIDADE  
NÃO NOS AJUDA, SÓ NOS FAZ SOFRER  
NEM RESGATA NOSSA IDENTIDADE

ELEVADOR É QUASE UM TEMPLO  
EXEMPLO PRA MINAR TEU SONO  
SAI DESSE COMPROMISSO  
NÃO VAI NO DE SERVIÇO  
SE O SOCIAL TEM DONO, NÃO VAI...

QUEM CEDE A VEZ NÃO QUER VITÓRIA  
SOMOS HERANÇA DA MEMÓRIA  
TEMOS A COR DA NOITE  
FILHOS DE TODO AÇOITE  
FATO REAL DE NOSSA HISTÓRIA



NOME:

- DATA:

//

OBSERVE, O MAPA DO CONTINENTE AFRICANO E, ENCONTRE O NOME DE DOZE PAÍSES.

S	A	N	G	O	L	A	J	S	N
E	L	Z	D	E	J	L	A	U	I
N	I	M	A	F	G	V	U	D	G
E	B	N	C	M	V	I	O	A	E
G	I	U	G	A	B	E	T	O	R
A	A	J	C	R	B	I	X	O	I
L	Q	A	O	D	C	I	A	E	A
M	A	D	A	G	A	S	C	A	R
M	A	R	R	O	C	O	S	H	M
A	R	G	E	L	I	A	L	G	A
T	E	T	I	O	P	I	A	I	L
C	D	F	G	L	A	G	A	N	A
M	O	Ç	A	M	B	I	Q	U	E

Vamos então montar um minidicionário, com alguns exemplos de palavras que têm sua origem nas diversas línguas faladas pelos diferentes povos africanos.

**Acarajé** – Bolinho feito de massa de feijão-fradinho frito no azeite de dendê e servido com camarões secos.

**Angu** – Massa de farinha de milho ou mandioca; angu de caroço; coisa complicada.

**Axé** – Saudação; força vital e espiritual.

**Babá** – Ama-seca; pessoa que cuida de crianças em geral; pai-de-santo; a origem é controvertida sendo, para alguns estudiosos originária do quimbundo, e para outros do idioma iorubá.

**Banzé** – Confusão.

**Baobá** – Árvore de tronco enorme, reverenciada por seus poderes mágicos.

**Batuque** – Dança com sapateado e palmas, ao som de instrumentos de percussão. É

uma variante das rodas de capoeira praticada pelos negros trazidos de Angola para o

interior da Bahia. No sul do Brasil, é sinônimo de rituais religiosos e, no interior do Pará, é uma espécie de samba.

**Berimbau** – Instrumento musical, composto de um arco de madeira com uma corda de arame vibrada por uma vareta, tendo uma cabaça oca como caixa de ressonância.

**Birita** – Cachaça; gole de cachaça.

**Cafuné** – Coçar a cabeça de alguém. Fazer um carinho.

**Canjica** – Papa de milho.

**Capoeira** – Jogo de corpo, agilidade e arte, que usa técnicas de ataque e de defesa com os pés e as mãos. As rodas são acompanhadas por palmas, pandeiros, chocalhos, berimbaus e cânticos de marcação. Carimbo – Marca; sinal.

**Congadas ou Congos** – Danças dramáticas com enredo e personagens característicos, como reis, rainhas, príncipes, princesas, embaixadores, chefes de guerra e guerreiros que se despedem no final das apresentações cantando: “quem tiver mulher e filho se despeça....Adeus que eu já me vou...

**Fofoca** – Intriga. Mexerico

**Fuá** – Briga. Rolo. Desordem. Intriga. Catinga. Cheiro desagradável.

**Mingau** – Papa de farinha de cereais com leite, açúcar e outros ingredientes.

**Pamonha** – Certo tipo de iguaria derivada do milho. Diz-se também da pessoa molenga. Inerte. Desajeitada. Preguiçosa. Lenta.

**Quindim** – Doce feito com a gema do ovo, côco e açúcar.

**Samba** – Nome genérico de um ritmo de dança afro-brasileiro.

**Sarapatel** – Guisado feito com sangue e miúdos de certos animais, especialmente o porco.

**Zoeira** – Conhece-se também por Azueira. Algazarra. Falatório.

**Importante:** 1 - localizar no mapa mundi os continentes, trabalhar os conceitos de: continente, país. Identificar os países do continente Africano.

2 - Ilustrar o trabalho e confeccionar capa do trabalho com máscaras africanas.



**NOME:** \_\_\_\_\_ **- DATA:** / /

## **BOLO DE FUBÁ DA VÓ MARIA**

*Tempo de Preparo:***30min**

*Rendimento:***12 porções**

### **INGREDIENTES**

- 4 OVOS
- 2 XÍCARAS (CHÁ) DE AÇÚCAR
- 2 XÍCARAS (CHÁ) DE TRIGO
- 1 XÍCARA (CHÁ) DE FUBÁ
- 3 COLHERES (SOPA) DE MARGARINA
- 1 XÍCARA (CHÁ) DE LEITE
- 4 COLHERES (CHÁ) DE FERMENTO

### **MODO DE PREPARO:**

1. EM UMA BATEDEIRA, BATA AS CLARAS EM NEVE E ACRESCENTE O AÇÚCAR
2. ADICIONE AS GEMAS, A MARGARINA, O LEITE, A FARINHA DE TRIGO, O FUBÁ E CONTINUE BATENDO ACRESCENTE POR ÚLTIMO O FERMENTO E MISTURE COM UMA COLHER OU ESPÁTULA
3. DESPEJE A MASSA EM UMA FORMA UNTADA E DEIXE ASSAR EM FORNO MÉDIO (180° C), PRAQUECIDO, POR APROXIMADAMENTE 30 MINUTOS

<http://www.tudogostoso.com.br/receita/79-bolo-de-fuba-da-vo-maria.html>



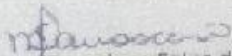


## AUTORIZAÇÃO

Eu, Marlene Ferreira Damasceno, diretora da Escola Municipal Francisco Sales da Silva Diniz, situada na Rua Stela Diniz Macedo, 301 - Bairro Darcy Ribeiro, Contagem - MG, autorizo a professora Nivalda Batista de Melo o uso do nome da Escola no trabalho de Conclusão de Curso de Especialização que será apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Contagem, 21 de março de 2016.

  
E.M. "Francisco Sales da Silva Diniz"  
**Marlene Ferreira Damasceno**  
Diretora de Escola Municipal  
Matrícula: 2136376 B  
Avt. nº 050/2016/SEDUC/DIR  
Nº do ato administrativo 73211  
Data da publicação/DOC: 21/03/2016

E.M. "Francisco Sales da Silva Diniz"  
Ensino Fundamental  
Lei de Criação Nº 3185 - 11/05-44  
Portaria nº 1174/2002/SEE  
Rua Stela Diniz Macedo, nº 301 - Darcy Ribeiro  
Contagem/ Minas Gerais - CEP: 32.059-060  
Tel. (31) 3352-5870 / 3912-4003  
CNPJ: 05.001.480/0001-68

Telefone p/ contato: (31) 39124003